

Da tumba à retumbância: o mito de Inês de
Castro e suas conjugações no diálogo
intercultural entre Portugal e Brasil

Valéria Andrade
Leandro de Sousa Almeida
Marcelo Alves de Barros



*É preciso mais e mais desenterrar os mortos,
para deles extrair futuro.*

Heiner Müller

*O caso triste e dino da memória,
Que do sepulcro os homens desenterram,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha*

Luís de Camões

CONJUGAÇÕES DE INÊS HISTÓRICA E/À/OU MÍTICA

Prezar pela presença dos mortos e dar ouvidos às reverberações múltiplas de suas vozes é, sobremaneira, um achado, um ganho, uma vez que ainda podem ser atuais, inovadores e até parceiros de interlocução, pois o diálogo com os mortos engendra possibilidades de inventar o futuro.

O presente texto tece considerações acerca do Mito de Inês de Castro na sua transição da tumba à retumbância e na articulação de conjugações – conexões e enunciações – no diálogo intercultural entre Brasil e Portugal. Também objetivou estabelecer conectivos entre a Mitologia Inesiana com a crítica literária, especificamente os Estudos Culturais, sobretudo no tocante à voz retumbante do mito imorredouro em ressonância com o coro de vozes – harmônico ou não –, o qual os Estudos Culturais inclinam-se para ouvir, a saber, a contemporaneidade.

O fabuloso fato da morte de Inês, segundo referências verídicas, sucedeu-se na Europa, em Portugal, há seis séculos. Assim, quando se adentra nas tramas desse trágico episódio, seja pela porta de entrada da história, seja pela da arte, se é recebido por um sentimento quem sabe ainda remanescente: a purgação, a “catarse” de Aristóteles, no seu fluxo de sensações entre o horror e o alívio. Sabe-se que o episódio de Inês de

Castro pode ser considerado uma tragédia tanto quanto foram as que ascenderam na antiga Grécia através de gêneros literários bastante específicos, visto que apresenta em seu corpus características formais e essenciais para sua considerável alusão, o que justifica sua alegoria à purgação catártica.

No entanto, se minuciosamente analisada, do ponto de vista do enredo e o contexto, não apresentaria novidade, tendo em vista os costumes medievais, sobretudo do ponto de vista trágico. Para tanto, em fins da Idade Média, narrativas como a crônica e a poesia encarregaram-se de retomar a tragédia de outras perspectivas, quem sabe de modo a reforçar ainda mais a dor, quem sabe pretendendo aliviá-la. A poética, grosso modo, trouxera o mágico – potencial simbólico –, para o trágico – experiência coletiva de partilha de sentimentos de horror e dor.

Após ocupar o imaginário europeu, as lembranças do episódio sanguinário impactam, sobretudo pela obscuridade dos acontecimentos e a natureza macabra que cerca a narrativa de vida e morte de Inês de Castro, que tivera sido executada friamente a mando do monarca D. Afonso IV de Portugal. O caso não só comoveu o medieval, mas também perdura em comover o contemporâneo, em virtude dos fatos. Em razão das principais ocorrências que dão visibilidade ao episódio português, os autores Gil (1974) e Toledo (2008) fazem uma descrição analítica de perspectiva histórica e de natureza documental, pela qual a seguinte síntese se fundamenta.

À vista disso, a saber, os momentos decisivos da narrativa histórica e/à/ou mítica do caso de Inês de Castro: a princípio, a evidente paixão de Pedro por Inês desde a chegada da ama/aia ao castelo (1340)¹, a quem

¹ “Aliada à beleza, Inês ainda ostentava extrema elegância, o que lhe valeu o cognome de “colo de garça”. Esses atributos todos despertaram no príncipe uma

sua então noiva D. Constança tinha por comadre e o rei por ameaça, pensando, o monarca, ser Inês um estratagema de Castela para ascensão da linhagem dos Castro ao trono²; o assassinato de Inês de Castro a sangue frio (7 de Janeiro de 1355)³, com o horror e a brutalidade de sua execução ter sido contemplada pelos seus infantes⁴; posteriormente ao assassinato, as guerras travadas entre pai (Rei D. Afonso IV) e filho (Príncipe D. Pedro) em razão do ódio e da dor que o conde Pedro sentira pelo inadmissível luto⁵; por vingança à amada Inês, a maneira a qual os fidalgos

arrebatadora paixão. Pedro passou, então, a manter com ela um romance, que perdurou por dez anos após a morte de D. Constança” (TOLEDO, 2008, p.117-118).

² “Os amores de Pedro e Inês, a essa altura, transcendiam a simples escândalo familiar para constituir um iminente perigo para a estabilidade do Reino. Temia o rei pela sorte de seu neto legítimo D. Fernando, herdeiro do trono, por morte de D. Pedro, temor que advinha do crescente domínio dos Castros sobre o ânimo do príncipe. Intriguistas e megalômanos poderiam induzir o Infante a um mau reinado e, sem escrúpulos, se desferiam do frágil Fernando, para que um de seus sobrinhos, filhos de Inês, assumisse o trono português” (TOLEDO, 2008, p. 119).

³ “Foi degolada pela garganta, pormenor que assinala uma execução em tudo conforme aos costumes da época, pois essa era a forma honrosa das execuções capitais, e com tal reservada aos membros da nobreza” (GIL, 1975, p. 15-16).

⁴ “Vindo o rei a Santa Clara para mandar matar Inês de Castro, ela se ajoelhou ante ele, com os filhos, rogando misericórdia para aqueles inocentes, conseguindo assim que no coração de D. Afonso IV os afetos de avô levassem de vencida as razões de Estado, mas que logo os conselheiros do monarca, insistindo, o desviaram desse generoso movimento, obtendo dele autorização para fazerem o que quisessem. Este romântico pormenor não pode corresponder à verdade, pois não cabia ao rei, mas sim ao executor dos seus mandados, isto é, ao marinheiro, comunicar a Inês de Castro a sentença” (GIL, 1975, p. 14).

⁵ “Quando o infante D. Pedro teve conhecimento da morte de D. Inês de Castro, a sua indignação não teve limites. Sem demora, disposto a abrir guerra civil, levantou uma hoste, se é que se pode dar esse nome a uma estranha mescla em que havia de tudo: soldados galegos trazidos pelos irmãos de Inês de Castro, homens-de-armas dos seus partidários portugueses, e até malfeitores que se lhe ofereceram na esperança de benefício. O infante concentrou essas forças ao norte do Douro, região onde ficavam situadas as terras dos principais conselheiros do pai,

conselheiros são executados sob as ordens do agora rei D. Pedro I, sobretudo sendo-lhes arrancados os corações – lugar onde cultivam-se sentimentos –, e queimados – símbolo de destruição e purificação⁶. Por fim, os fatos que representam a genuína e cruenta vingança – ou heroísmo: a legitimação matrimonial do casamento consumado em clandestinidade (1360)⁷, a transladação do corpo (1362)⁸ e a cerimônia solene de coroação e beija-mão⁹, sob a pena de morte a qualquer português contrário à ascensão de D. Inês de Castro *post-mortem*.

É crucial principiar que os respectivos acontecimentos estão, de forma imbricada, contidos nas narrativas históricas e míticas, isto é,

e passou a assolá-las, feito que veio pôr cerco ao Porto, na intenção de fazer dessa cidade centro da sua rebelião” (GIL, 1975, p.16).

⁶ “Trazidos os dois portugueses a Santarém, e apresentados ao monarca, que então aí se achava, logo eles os interrogou, exigindo, sob aplicação de tortura, que se confessassem culpados na morte de Inês de Castro e que contassem também quais as coisas tramadas contra ele por seu pai quando andavam em desacordo, pormenor este bem revelador de proceder D. Pedro mais como odiento político do que como desvairado amoroso. Enfadado, por fim, pois os prisioneiros não adiantavam qualquer declaração útil aos seus propósitos, mandou D. Pedro dar-lhes morte – morte horrível e afrontosa, por extirpação do coração, tirado a Álvaro Gonçalves pelas costas e a Pero Coelho pelo peito” (GIL, 1975, p. 20).

⁷ “Nós já sabemos que em junho de 1360, primeiro em Cantanhede e depois em Coimbra uns sete anos, em mês e dia de que não se recordava, havia realizado matrimônio com D. Inês de Castro, na vila de Bragança, em cerimônia, religiosa e clandestina, efetuada por D. Gil, deão da Sé da Guarda” (GIL, 1975, p. 30-31).

⁸ “Do Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, para Alcobaça, numa extensão de 17 léguas, o corpo de Inês foi trasladado por entre círios acesos e acompanhado por fidalgos, donzelas e “muita clerezia”. O corpo da amada baixou sepultura acompanhado de missa e de grande solenidade. E foi a mais honrada transladação que até aquele tempo em Portugal fora vista” (TOLEDO, 2008, p. 123).

⁹ “Antônio de Vasconcelos já nos explicou com esta fantasia da coroação e do beija-mão só apareceu muito mais tarde, em 1577, quando o escritor castelhano Fr. Jerônimo Bermudez deu largas à imaginação, para a exposição de cenas tétricas [...]. As fantasias referidas entraram depois em Portugal pela mão do escritor ludo-filipista Manuel de Faria e Sousa” (GIL, 1975, p.24).

algumas descrições apresentam comprovações verídicas e documentais, outros consistem em fabulação.

Diante das ocorrências, tornando-se o caso do amor trágico de D. Pedro por D. Inês de Castro uma lenda imorredoura e agregando-se ao sentimento e à memória dos portugueses, resultou-se, através da representação, isto é, a necessidade de tornar presente novamente, em próspera multiplicação de expressões artísticas das mais diversas. Emília Toledo (2008, p. 123-124) argumenta que “esse episódio tanto romântico como trágico da História de Portugal, envolvendo D. Pedro e Dona Inês de Castro inspirou poetas e dramaturgos, que a partir de então, o immortalizaram”, chegando ao ponto de canonizarem-se no repertório artístico dos portugueses, vista a influência e o papel que exerciam na propagação da tradição artístico-cultural portuguesa.

Hoje, reverberada em proporções imponentes, a história passou a ser assinalada pelas rubricas dos vários amores: amor infinito, amor de perdição, amor trágico, amor utópico, amor que vence a morte etc. Os vários amores são oriundos da alegoria mito-histórica dos fantasiosos e românticos poetas, visto que o romântico D. Pedro estabeleceu dois túmulos no Mosteiro de Alcobaça, os quais, para além de ostentarem exuberante beleza e destrezas esculturais, objetivaram, segundo a lenda, aproximar os corpos dos amantes pés contra pés, os quais, após o soar das trombetas do juízo final, instante em que, ao ressuscitarem, se levantariam e olhariam um para o outro, dando continuidade infinita e eterna ao amor que tivera-lhes sido interrompido.

Com o intuito de realizar uma breve retomada no contexto das criações artístico-literárias inspiradas nos dizeres e conjugações do Mito de Inês de Castro em Portugal, podem ser lembradas, em síntese cronológica, algumas referências consideradas “canônicas” com relação à sua

justa posição nos modos fatídicos e fantasiosos de se (re)contar, cujos processos hibridamente criativos ampliaram e transformaram a narrativa, fazendo-se, portanto, a junção entre história e mito, ou ainda, o que na interpretação de Osakabe (1998) é categoricamente afirmada como transubstanciação de matéria histórica em matéria mítica.

À vista disso, em sua primeira vez, o episódio inesiano foi contado pelo cronista português Fernão Lopes (1380-1460), em *Chronica de El-rei Dom Pedro I* (1440 e 1450), o qual conta a história em contemporaneidade à escola literária denominada de *Humanismo* (1418-1527). Enquanto literatura ficcional e criativa, no seu sentido mais poético, a aparição da história se deu, também como fato inaugural, nas *Trovas à Morte de Inês de Castro*, de Garcia de Resende (1470?-1536), no *Cancioneiro Geral de 1516*, período em que se acendia o *Classicismo* (1527-1580). Na dramaturgia, por sua vez, a tragédia *A Castro* (1587) foi a primeira tragédia clássica portuguesa, de António Ferreira (1528 – 1569). Inês de Castro também aparece no contexto da epopeia classicista no poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões (1524?-1580), com o episódio da *Linda Inês* nas estrofes 120 a 135 do Canto III. No *Arcadismo* (1756-1825), o poeta português Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805), inspirado em Camões, dedicou-lhe a cantata *À morte de Inês de Castro* (1791). O neoclassicista João Batista Gomes Júnior (1775?-1803) é o autor da tragédia *A Nova Castro* (1857). Na contemporaneidade, a escritora Agustina Bessa-Luís retoma a história de Inês no romance *Adivinhas de Pedro e Inês* (1983). Em Herberto Helder, temos *Os Passos em Volta* (1936), em que o conto *Teorema* retoma a história de Inês de Castro. Temos, ainda, o romance *A trança de Inês* (2001), da escritora Rosa Lobato de Faria, que narra a história de Pedro e Inês em três dimensões temporais simultâneas: passado, presente e futuro – e

que foi levado para o cinema em adaptação recente, sob o título *Pedro e Inês* (2018), pelo realizador António Ferreira. No campo da dramaturgia, autoras como Estela Guedes, Eduarda Dionísio e Fiama Hasse Paes Brandão, que recriaram, de uma perspectiva transgressora, o mito inesiano em seus textos, respectivamente, *A Boba: monólogo em três insônias e um despertador* (2006), *Antes que a noite venha* (2006) e *Noites de Inês-Constança* (2005)¹⁰.

Diante disso, no decorrer dos séculos posteriores, ultrapassando fronteiras e chegando até o Brasil, o Mito de Inês de Castro passou a ser conhecido por brasileiros, recebido, deste modo, interculturalmente como herança ou galardão. Em decorrência, o mito dos amores de Pedro e Inês (re)significa-se no novo território e exerce outros sentidos, que por tamanha força, incorporou-se no cotidiano de brasileiros, na cultura erudita e popular, na literatura e outras expressões artísticas, o que não deixou apagar-se o mito da dama que foi coroada morta.

Pensando nesse breve resumo que desenhou uma linha cronológica do fatídico ao ficcional, bem como da propriedade à herança mítica, lembra-se, portanto, da obra *Mito e significado* (1978), de Lévi-Straus, em que se indaga o seguinte: onde acaba a mitologia e onde começa a História? Pensando a dimensão do episódio de Inês de Castro, essa questão reformula-se para a seguinte indagação: onde acaba a história e onde começa o mito? Não estando suscetível a respostas concretas, antes uma

¹⁰ Este corpus dramaturgício compôs projeto de investigação desenvolvido por Valéria Andrade entre 2007-2008 intitulado "Inês é viva": a paixão amorosa na dramaturgia portuguesa contemporânea de autoria feminina", com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, na Universidade do Algarve, em Portugal. Entre seus resultados, está o ensaio *Era uma vez Inês: o/s mito/s desnudo/s na dramaturgia portuguesa de autoria feminina* (ANDRADE, 2010).

esfinge, Inês de Castro transita entre conjugações e enunciações, a saber: Inês IIstórica e/à/ou Mítica.

Nas permutações desse dilema conceitual, não por acaso, a figura da personagem é, por excelência e consideração, mítica, e como tal, não seria diferente, relativo à Mitologia Inesiana, dizer o que a história não diz, justamente porque os mitos sugerem construir significados e possibilidades herméticas múltiplas, portanto, tomadas como ampliação do que se considera história.

CONJUGAÇÕES MÍTICAS NA CONTEMPORANEIDADE

Não se pretende conceituar o que é mito, muito embora seja importante no âmbito do discurso acadêmico. No entanto, essa tarefa é realizada com maestria por Rocha (1996) na metáfora analógica do labirinto e suas conjugações conceituais. Sua intenção, por mais despretensiosa que seja em conceituação sobre o que é o mito, não cristaliza conceitos, antes apresenta uma multiplicidade interpretativa fenomenológica, mostrando possíveis caminhos hermenêuticos para a "solução" do labirinto, cuja prisão é a conceitual-significado. A esse respeito o autor afirma que:

O mito está na existência. Resiste a tudo, fazendo no fundo com que suas interpretações sejam, quase sempre, matéria-prima para novos mitos. Por isso, a pergunta "o que é mito?" muito provavelmente não tem resposta. Por isso, nossos constantes apelos a imagens de labirintos, quebra-cabeças, viagens (ROCHA, 1996, p. 7).

Diante desse entendimento, para além da problemática conceitual, para fazer menção e ressaltar outros caminhos discursivos, pode ser lembrado o mitólogo Joseph Campbell, autor de grande relevo na discussão mítica, sobretudo assinalado pela rubrica do "herói mítico". O referido

autor, em *O herói de mil faces* (2003), caracteriza esse(s) herói(s) como entidade(s) “endeusada(s)” por causa de façanhas realizadas por ela(s) mesma(s). Assim, muitos têm feito alusão ao mito de Inês, por meio de outro possível, o de D. Pedro, visto tal heroísmo em suas audaciosas façanhas, tais como vistas na transladação de sua amada do túmulo ao trono, feito este que lhe tivera outorgado a condição de herói. Nessa perspectiva heroica mais comum entre os estudiosos da obra inesiana, a figura mítica de Inês é ofuscada pelo destaque posto na figura épica de Pedro. Entretanto tal história de amor, vivida na vida real entre uma mulher e um homem, que tem vindo a desafiar, por quase sete séculos, a linha espaciotemporal da própria História, transformando-se em mito identitário de uma nação, e que tem posto em prova a chama criativa de poetas, também tem posto em prova a perspectiva predominantemente masculina da jornada do herói de Campbell. Esta quebra de paradigma é proposta por Andrade em seus estudos que desnudam o mito de Pedro e Inês transcrito para a dramaturgia de autoria feminina. Segundo Andrade (2011), dos seus versos renascentistas de um Luís de Camões ao monólogo multivocal contemporâneo de uma Estela Guedes, o final trágico de Inês de Castro, seguido de sua sagração póstuma como Rainha de Portugal por ordem de Pedro, seu par amoroso que então ocupava o trono português, que já foi narrado um google de vezes, nos mais diferentes meios e formatos, por contadores de história de várias nacionalidades, para além da portuguesa, e que o descreveram a partir de seus idiomas e de suas perspectivas histórico-culturais, caracterizam, na verdade, uma jornada da heroína (MURDOCK, 2022).

Assim, fazendo alusão ao mito de Inês, por outro possível, o de D. Pedro, visto tal heroísmo em suas audaciosas façanhas, tais como vistas na transladação de sua amada do túmulo ao trono, feito este que lhe

tivera outorgado a condição de herói. Nessa perspectiva heroica, a figura mítica de Inês é ofuscada pelo destaque posto na figura épica de Pedro.

A proposição mais intrépida do mitólogo é concernente à força do mito na experiência espiritual-interna da vida. No diálogo que Campbell estabelece com Bill Moyers em *O Poder do Mito* (1990, p. 14), problematiza-se algo considerado crucial, a saber, a importância do mítico na contemporaneidade, em cujo bojo consideramos estar sendo contemplada a Mitologia Inesiana. Assim, Moyers pergunta:

MOYERS: Por que mitos? Por que deveríamos importar-nos com os mitos? O que eles têm a ver com minha vida?

CAMPBELL: Minha primeira resposta seria: “Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida – você não precisa de mitologia”. Não acredito que se possa ter interesse por um assunto só porque alguém diz que isso é importante. Acredito em ser capturado pelo assunto, de uma maneira ou de outra. Mas você poderá descobrir que, com uma introdução apropriada, o mito é capaz de capturá-lo. E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato? Um de nossos problemas, hoje em dia, é que não estamos familiarizados com a literatura do espírito. Estamos interessados nas notícias do dia e nos problemas do momento. Antigamente, o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada, onde as notícias do dia não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior, nem com a magnífica herança humana que recebemos de nossa grande tradição – Platão, Confúcio, o Buda, Goethe e outros, que falam dos valores eternos, que têm a ver com o centro de nossas vidas. Quando um dia você ficar velho e, tendo as necessidades imediatas todas atendidas, então se voltar para a vida interior, aí bem, se você não souber onde está ou o que é esse centro, você vai sofrer.

MOYERS: Quer dizer que contamos histórias para tentar entrar em acordo com o mundo, para harmonizar nossas vidas com a realidade?

CAMPBELL: Penso que sim [...].

No presente diálogo, que consiste em um recorte de uma entrevista¹¹, ampliam-se as potencialidades do mito na vida cotidiana como narrativa estruturante que organiza o ser humano no mundo, ou pelo menos dá-lhe direções para vivê-lo. Campbell, obviamente, não está falando “sobre” a Mitologia Inesiana especificamente, no entanto, suas ideias abarcam as mitologias em perspectiva holística, esta que não excluiria o Mito de Inês de Castro, representado em uma *jornada da heroína*, tal qual Andrade explicita, inequivocamente, em seus trabalhos em torno do projeto Inês&Nós, nos quais a mulher representada por Inês passa pelos estágios de progressão de uma vida épica, não somente no passado, histórico ou mítico, mas também no presente e no futuro, em suas manifestações transcendentais, espirituais, fantásticas, místicas, metafísicas, surreais e, principalmente, reais. Nesses trabalhos, esta jornada de heroína que caracteriza e potencializa a construção, em contraponto ao monomito de Campbell, de múltiplos mitos de Inês no presente e no futuro, por meio da busca de uma verdade relativamente a cada mulher que se vê e que se lê na obra inesiana, é inspirada e facilitada por um conjunto de recursos educativos criados para apoiar professores e estudantes em sala de aula no projeto Inês&Nós (ANDRADE, 2018).

Em Andrade *et al.* (2019), indo além do fenômeno literário em que demarcações do verbal como via única da linguagem, são rompidas pelos poetas de variadas expressões estéticas que têm produzido narrativas sobre Inês rememorando a tragédia e reafirmando o seu reinado simbólico, os autores criam um processo intercultural de renovação do mito

¹¹ Esta conversação entre Bill Moyers e Joseph Campbell teve lugar em 1985 e 1986, no *Rancho Skywalker*, de George Lucas, e mais tarde no Museu de História Natural de Nova Iorque. É lançado simultaneamente à minissérie para a TV, nos EUA, em maio de 1988. Sendo assim, *o poder do mito* é construído a partir de uma transcrição da longa entrevista entre Bill Moyers e Joseph Campbell.

inesiano, na forma de uma *simbólica jornada da heroína*, modos de mulheres e homens se construirão sujeitos de feminilidade e de masculinidade e, assim constituídos, estabelecerem relações entre si, sejam afetivas ou não, perpassadas ou não pela sexualidade. Pela mediação crítico-analítica da produção autoral de natureza literária, efetivada por estudantes e professores que participam desse processo nas escolas e suas comunidades, os autores têm proposto hipóteses interpretativas em torno de instâncias de atuação simbólica do mito inesiano na negociação identitária do feminino e do masculino no contexto sociocultural português, com perspectivas semelhantes no contexto brasileiro. Em que aspectos os novos sentidos das figuras mítico-históricas de Inês e Pedro reconstruídas literariamente confluem ou não com os sentidos das relações estabelecidas entre mulheres e homens da vida real é um campo de investigação aberto num tempo como o nosso em que ler e escrever são concebidos e experimentados como práticas sociais vivas e renovadas pelo fazer de sujeitos em múltiplas interações com o outro, com o mundo e com si mesmo.

A partir do entendimento do mito como narrativa mutante e (re)significada no cotidiano, considerou-se que, por muito tempo, pelo passar de seis séculos, em decorrência da poetização do fato trágico, a produção mimética nutriu imaginários e memórias exponencialmente além das fronteiras de Portugal. Chegando a diversas partes do mundo, o mito do comovente amor de Pedro por Inês, ainda hoje, reverbera significativamente através do provérbio “Agora é tarde, Inês é morta”, oralizado no Brasil e, em particular, por nordestinos, os quais, segundo Brito (2006), (re)inventaram o Mito de Inês de Castro nas façanhas de seu cotidiano, constatando que a Mitologia Inesiana reverbera com retumbância para além de seu país de origem, alcançando o Nordeste brasileiro

contemporâneo. Além disso, Inês é representada na escultura *La victime* (2000), ou, no português, “A vítima”, de autoria do artista plástico pernambucano Francisco Brennand. A figura mítica de Inês também reverbera de maneira retumbante com a canção *Dona da casa* (1994), dos compositores pernambucanos Antonio Carlos e Jofafi, em cuja letra é incorporado o provérbio “agora é tarde, Inês é morta”.

Partindo do pressuposto de que a história de Inês de Castro já fez a passagem trans-mutante do histórico para o mítico, é permitido conceber a narrativa a partir de sua formalização no âmbito da estética – literatura e outras expressões artísticas –, direcionando-se para os elementos culturais. A esse respeito Mielietinsky (1987, p. 329) afirma, categoricamente, que “a literatura está geneticamente relacionada com a mitologia”. O presente crítico russo acredita que muitos escritores desenvolveram uma mitopoética, que justamente congrega elementos das mitologias antigas com o objeto literário, cujo propósito repousa em evidenciar o sentido metamitológico do texto literário. A esse respeito, tendo em vista a vasta produção literária inspirada na figura de Inês de Castro, elementos característicos do mito são nitidamente vistos em seu corpus representativo, tais como: transcendental, espiritual, fantástico, místico, metafísico, surreal etc.

Desse modo, é relevante pensar as relações de encontros e desencontros no tocante às literaturas de caráter mitológico no âmbito dos discursos da crítica literária em questão. É sabido que a Literatura e os Estudos Culturais buscam conjunções e interlocuções, mesmo sendo ambos conceitos confrontivos. No entanto, sabe-se que os Estudos Culturais assentem os riscos e perigos dos confrontos decorrentes das fronteiras de interlocução dialógica, cuja pretensão repousa em articular diálogo com os não dialogáveis, romper as barreiras, criar fissuras, pois, afinal de contas,

como destacou Stuart Hall (2009, p. 123), “o que importa são as rupturas significativas”. Assim, o autor leva a entender que essas mesmas rupturas podem abrir caminho para outras possibilidades, não promovendo o reducionismo dialógico, muito menos cristalizando e aprisionando ideias às condições de análise tradicionalmente pré-estabelecidas.

Assim, a partir do entendimento de que o texto literário – seja ele de cunho mítico ou não – contém representações da sociedade e, por outro lado, que os Estudos Culturais interessam-se pelos elementos da cultura oriundos do *corpus* representativo da cultura em justa posição na estética literária, esses dois campos semânticos passam a criar conexões. Não por acaso o autor Noé Jitrik (2000) apontou para uma “vulnerabilidade na crítica literária” em função de seus objetos, problematizando que na crítica literária há certo distanciamento das problemáticas sociais. Os Estudos Culturais estariam enriquecendo a crítica literária, ampliando suas possibilidades de objetos e criando fronteiras de diálogo com a história, a religião, a política, a filosofia, a antropologia etc.

Diante da posição da Mitologia Inesiana no corpus representativo e estético – literatura e outras expressões artísticas –, e simbólico – mito, se lembrarmos, os grandes mitos da história difundiram-se através da linguagem, em especial a palavra oral e escrita –, cujo potencial simbólico fala de(a) uma cultura específica, um determinado povo, um tempo histórico, uma estrutura de sentimento, um código de pureza, um padrão de comportamento, uma percepção da realidade etc. Em outras palavras, o mito sempre fez parte da narrativa do humano.

Conjugar o Mito de Inês de Castro na contemporaneidade em projeção com os Estudos Culturais deve pressupor, preliminarmente, a relação direta do mito com as (re)invenções da vida em sociedade, sendo estas, possibilidades múltiplas de engendrar caminhos de pertencimento,

identidade, resistência, emancipação, subjetividades, entre outros elementos internos ao humano decorrentes de sua experiência na cultura.

Contudo, para falar da relação do Mito de Inês de Castro com os Estudos Culturais, recorda-se que a Mitologia Inesiana, desde seu embrião medieval português, foi nutrida de elementos históricos – tempo (século XIV) e espaço (Portugal) –, políticos – razões de estado e acordo de paz –, culturais – arranjos familiares (casamento de D. Pedro e Constança) –, religiosos – cristianismo e catolicismo –, afetivos – amor (entre Pedro e Inês), ódio (por parte de D. Pedro pós morte de Inês) e saudade (sentimento coletivo partilhado por Portugal). Esses mesmos elementos, portanto, são interessantes aos Estudos Culturais, visto que ainda urgem como objetos dessa crítica contemporânea.

Acredita-se que, por ser uma crítica contemporânea, os Estudos Culturais possam criar conexões com o Mito de Inês de Castro, sobretudo pela maneira a qual o contemporâneo apropria-se da narrativa mítica e, por assim dizer, a atualiza. Como frisou Agamben (2009, p. 59), “a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo”, no tocante às múltiplas possibilidades de conjugar o presente. A partir da aceção do mesmo autor, é possível inferir que essa relação consiste no ato de adentrar às entranhas do presente, pois o tempo presente está munido de possibilidade para sua atualização. À vista disso, a atualização do mito realiza-se em perspectivas diversas, que dialogam com as mais variadas experiências de vida, entre tantas, a saber: gênero, religiosidade, identidade, subjetividade, política, afetividade, relações de poder – dominação e submissão – etc.

Assim, as (re)leituras do Mito de Inês de Castro são mecanismos de reverberação retumbante e atualizada do próprio mito, visto que toda leitura é um desvio ou rompimento, uma vez que os sujeitos estão em

posições múltiplas de interpretação e, por assim dizer, transgressão. Estas mesmas posições e perspectivas leitoras podem ser, como se sabe, de segregação e exclusão social. A esse respeito, lembra-se que os Estudos Culturais se dimanaram do olhar para a posição adjacente dos marginalizados em processos de exploração e submissão.

À vista disso, aponta-se a possibilidade de o contemporâneo adaptar o Mito de Inês de Castro e (re)significar suas complexidades no tocante à vida, contribuindo na elaboração de novas estratégias de convivência no mundo, engendrando, portanto, perspectivas para o futuro. Como frisou Campbell (1990, p. 4), “quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo”. Desse modo, tal perspectiva prospecta expectativas para além do hoje, ou seja, o futuro, mesmo que este decorra do desenterrar dos mortos.

Contudo, o mito não é, substancialmente, o único determinador das realidades, pois transgridem a si mesmos pelos diversos agenciamentos e possibilidades interpretativas, nas várias direções de multiplicidades subjetivas a que pretendem projetar singularidades desviantes, cujas dimensões simbólicas transformam-se em forças que imperam socialmente. Em outras palavras, o mito é polissêmico. Para tanto, o Mito de Inês de Castro e tantos outros fazem parte de um conjunto de signos e sistemas de representação ligados aos seres humanos em suas experiências culturais de identidade, concernente aos seus modos de sentir suas espiritualidades, sexualidades, afetividades, necessidades etc.

Mas para prospectar, a partir do sentir, expectativas para o hoje e para o futuro, mesmo que este decorra do desenterrar dos mortos para a uma vida plena, e até do enterrar os mortos-vivos referenciais causadores dos sofrimentos representados na história de Inês, é preciso inovar na

abordagem de leitura da obra inesiana, conforme recomendado por Kafka (KAFKA, 1990, p. 32-33):

Eu acho que deveríamos ler apenas aqueles livros que conseguem nos ferir, que nos apunham. Se o livro que lemos não nos acorda com um golpe na cabeça, por que estamos lendo, então? Por que isso nos deixa felizes? Seríamos mais felizes se não tivéssemos livro nenhum. E o tipo de livro que nos deixa felizes é aquele que nós mesmos facilmente escreveríamos se precisássemos. Mas nós precisamos dos livros que nos afetam como um desastre, que nos atormentam profundamente, como a morte de alguém que amamos mais do que nós mesmos, como ser jogado em uma floresta longe de todos, como um suicídio. Um livro deveria ser o machado para o mar congelado dentro de nós. Isso é o que eu acredito.

Em Andrade *et al.* (2019), os autores afirmam que é preciso ler como se ama uma pessoa, como se um livro fosse uma pessoa. Que se decidirmos amar um livro assim, com todos os riscos trazidos por tal aventura, nós seremos, enfim, outra pessoa, quiçá um mito. Para promover essa experiência transformadora de pessoas que leem Inês em mitos, presentes e futuros, Andrade propõe o nascer de um movimento que sem desvalorizar o papel da morte na construção e maturação do mito, impõe por sua vez, com o apoio das novas tecnologias da informação e comunicação, o reviver de Inês em reconstruções positivas e transformadoras do sofrimento e das injustiças contra a mulher. Trata-se de uma nova representação contemporânea, na qual, mesmo que Inês ou qualquer outra mulher seja morta, ou violentada, “agora, não é tarde”. Os autores criam uma fábrica de mitos, na forma do jogo Inês&Nós de leitura criativa em realidade alternada, uma experiência do encontro de crianças e jovens com o mito de Inês através da leitura inovadora das obras que o criaram e o valorizaram, lidas como textos sementes de uma transformação. Esta transformação, levada a cabo por meio de uma vivência lúdica e gamificada de capacitação e de estímulo à criatividade para a (re)contação de

diferentes histórias que refazem e personalizam o mito, é baseada em uma jornada de leitura e de reconstrução de mundos utópicos que transcende a jornada do herói supostamente masculino de Campbell (CAMPBELL, 2003), uma jornada de heroína, humana, passível de sofrer violência e até de sofrer morte, mas poderosa ao ponto de ressurgir, a cada dia, nos dias atuais, como um mito, simplesmente como mulher leitora ou como mulher lida, com o poder concedido por cada leitor, homem ou mulher, de transformar o “agora é tarde” em “agora é o tempo”, de refazer o mito.

CONJUGAÇÕES DO MITO NO DIÁLOGO INTERCULTURAL ENTRE PORTUGAL E BRASIL

É elementar ser pensado que a história se fundamenta, inicialmente, nas eventualidades, cujo referente pode ser interpretado a partir dos múltiplos posicionamentos e perspectivas, visto que a observação e (re)contação dos fatos tomam a forma de narrativas criativas cunhadas por sujeitos em (re)vivência dos acontecimentos. Sabe-se que mesmo dimanando-se de perspectivas múltiplas, algumas narrativas, hegemonicamente, alcançam, pelo passar do tempo, a esfera de verdade histórica, tornando-se, assim como aponta Schaff (1983), narrativas históricas.

Nesse sentido, entende-se que a história é criativamente controlada pelos sujeitos que a dizem ou fazem, o que aponta para a possibilidade de engendrar-se não apenas uma história, mas várias faces da história. Como salientou Bessa-Luís (1986), no desafio de compreender a esfinge que é o Mito de Inês de Castro, sobretudo na complexidade das conjugações de Inês Histórica e/ou Mítica, a autora afirma que “a história é uma ficção controlada” (BESSA-LUÍS, 1987, p. 224). A sua afirmação

leva a considerar que “controlada” pressupõe um processo criativo e mimético. Em outros termos, por redundância, a história é uma ficção criativa, produto das faculdades intelectuais e inventivas do ser humano.

Discorre-se, portanto, pensando nas várias conjugações da Mitologia Inesiana via processos de apropriação e atualização dinamicamente realizados no cotidiano de portugueses e brasileiros. À vista disso, mostra-se relevante articular uma frente de diálogo fronteirística entre Brasil e Portugal. Desta feita, é crucial principiar que as respectivas ideias se dimanam das proposições de Osakabe (1998), quando afirma que “anula-se a velha questão de saber da verdade vivida historicamente e passa-se para o território da verdade culturalmente necessária” (OSAKABE, 1998, p. 107). Pensando no caso de Inês, seu pensamento articula um viés dialógico e intercultural entre as duas nações em processos de fluxos de interlocução, tal como referido em Andrade (2011), em cuja conjugação intercultural luso-brasileira aponta para a presença do mito português de Inês de Castro na dramaturgia, à luz das questões de gênero, principalmente no tocante à escrita de autoria feminina, a partir da leitura de *A Boba*, escrita por Estela Guedes em 2006.

O presente autor aponta para concepção elementar de Inês de Castro como mito, a partir do qual repousa sua enfática afirmação de ser sua mitologia ou tivera sido uma necessidade cultural para Portugal. É a partir desse entendimento que, baseado em Osakabe (1998) e em Andrade (2011), se pode considerar, concernente ao Brasil, que o Mito de Inês de Castro, além de ser uma necessidade, tal como pode ser vista no contexto dos portugueses da antiga Idade Média, assume a posição de realidade interculturalmente herdada pelos brasileiros em reverberação atemporal, alcançando a contemporaneidade.

Notou-se, com relação à Inês de Castro, que houve a eventualidade do episódio português, ou seja, o acontecimento que consiste, por assim dizer, na morte de uma mulher em determinado tempo e espaço. Também se notou que essa mesma, a história, por não suportar tamanha força e impacto, sobretudo pelo transladar não só da tumba a qual estivera sujeita, mas da memória que nos vivos ainda permanece(ia), entregou-a ao Mito, consagrando-o e eternizando-o na condição de imorredouro, hoje perdurando em diversas partes do mundo.

É possível considerar que a alegoria mítica concedida ao episódio histórico foi, categoricamente, importante para a construção de uma identidade nacional portuguesa. História e Mito constituem-se como contribuição estruturante na consolidação de uma cultura nacional, a ponto de consagrar o final da Idade Média na história portuguesa. Ainda, é possível supor que, por mais límpido que fosse o antigo Portugal em meados do século XIV, no conjunto dos países que compõem a Europa, pode-se perceber certo ofuscamento do mesmo país concernente às outras nações europeias em termos de cultura, tradição, arte etc.

Além disso, a trama foi marcada pelo protagonismo da corte portuguesa, visto que rei – D. Afonso IV, antepenúltimo rei da dinastia de Borgonha – e príncipe – sucessor D. Pedro I – são personagens cruciais no desenrolar do episódio, o qual ultrapassa os portões e cidadelas do castelo, alcançando, portanto, todo o país.

É neste sentido que, pensando a figura de Inês Mítica como rainha *post-mortem*, Osakabe (1998 p. 110) considera que “consagrá-la rainha corresponde à unção (e criação) definitiva de Portugal como reino do amor e do sentimento que permite eternizá-lo: a saudade”.

Ainda, é possível afirmar que a reverberação retumbante do episódio português ou até mesmo a consagração de Inês Histórica e/à/ou Mítica,

deve-se, em parte, às façanhas de D. Pedro. Na concepção de Osakabe (1998, p. 110) “ela só ganha uma grandeza além do biográfico por obra do sentimento que sua morte teria gerado em D. Pedro”, em razão de seus feitos de heroísmo e(ou) vingança.

Lilian Jacoto (2008), por sua vez, considera o fator de reconhecimento por parte do povo português como justificativa para a ascensão de Inês Histórica e/à/ou Mítica. Para tanto, se uma nação é capaz de elevar a tão alto grau uma personagem de sua história a ponto de eternizá-la ao mito, em resposta, o mito passa a ser o signo de representação de tal nação.

Hoje, na contemporaneidade, Portugal cultua o amor de Pedro por Inês, tornando-se a chamada Rainha Morta uma figura memorável no calendário cultural português. No ano de 2005 comemorou-se os 650 anos da morte de Inês de Castro (7 de janeiro de 1355), a quem a memória popular e a cultura erudita portuguesa consagraram, alçando-a como patrimônio nacional. Ao que concerne à nação brasileira, a Mitologia Inesiana pode ser concebida como realidade interculturalmente herdada. A mitologia deixa seu legado como patrimônio mito-histórico inesiano, ancestralizando-se em território brasileiro.

Em razão disto, a autora destaca que “certas personagens históricas ganham a eternidade mítica quando um povo se reconhece na sua ação, e encontra nelas uma espécie de reflexo de sua identidade mais íntima, como que um substrato da alma coletiva, um arquétipo ou modelo inconsciente de conduta” (JACOTO, 2008, p. 172). Assim, por ter transitado por meio de várias conjugações, isto é, de Histórica e/à/ou Mítica e ter sido ascendida em razão do reconhecimento íntimo que a nação portuguesa tivera em resposta aos sentimentos mais profundos, constitui-se a ideia de que a nação portuguesa teve o potencial necessário não só para

a apropriação e consagração do imorredouro Mito de Inês de Castro, mas também para atualizá-lo de séculos a séculos.

Na perspectiva da herança intercultural luso-brasileira no âmbito das Letras e outras artes, Inês de Castro está na história da literatura portuguesa, a qual é estudada por brasileiros em seu território nacional contemporâneo, a quem o mito ainda encontra após seis séculos, para quem o mito terá novos sentidos à luz de novos tempos e espaços. Desta feita, por alegoria, Inês é sucedida pelos vários brasileiros que, de maneira (in)consciente, dão continuidade ao amor dos nobres amantes em suas experiências afetivas. Ainda, a partir da interpretação de *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima (1981), intitulado *Permanência de Inês*, pode-se afirmar, simbolicamente, que Inês está na atualidade. O referido poeta aponta para a compreensão de Inês como figura mítica atualizada nas façanhas do presente, principalmente quando frisou no primeiro verso em alusão a Camões: “Estavas, linda Inês, nunca em sossego”. Entende-se que nos seus eternos “hojes” Inês se atualiza em razão dos anseios e demandas da contemporaneidade.

Portanto, Inês permanece eternamente, haja vista que, como afirmou Brito (2006), muitas são as “Ineses” que sofrem e continuarão sofrendo as angústias desencadeadas na luta pelo amor, visto que a figura feminina ainda desperta medo e ameaça no imaginário masculino. Essas Ineses com nomes, gêneros e características identitárias diversas, aspiram pela liberdade de sentimentos.

Destarte, os amores de D. Inês de Castro e D. Pedro são conjugados através da memória criativa de quem diz o provérbio – consciente ou não de sua origem – nas façanhas de seu cotidiano; nas paixões (des)complicadas de amantes que, de mesmo sexo ou não, lutam pela oficialização civil de sua união matrimonial; nos amores impedidos pela tradição e

segregação de raças e etnias que, com suas barreiras fundamentalistas, alimentam o preconceito a amantes de natureza racial diferentes; nas dores de quem sente saudade pela distância de seu amante a quem protagonistas do ódio ousaram separar justificados por crenças e religiosidades; ou ainda, na vida de quem sabe os perigos advindos da vulnerabilidade do coração que se apaixona, mas, mesmo assim, se permite viver uma paixão amorosa.

Finalmente, rompendo, por sua vez, com a conjugação do mito centrada no hábito reducionista do provérbio popular, Andrade *et al.* (2019) traz um novo diálogo intercultural, paradigmático e contemporâneo, no qual, mesmo que Inês ou qualquer outra mulher seja morta, ou violentada, no Brasil ou em Portugal, “agora, não é tarde”. Enquanto esse texto está sendo escrito, encontra-se em plena execução no Brasil, por centenas de jovens leitores e jovens autores, nas cidades de Sumé e Campina Grande, e em Portugal, nas cidades de Valongo, Porto e Pinhel, um processo ativo de transformação intercultural do mito de Inês, promovido pelo jogo Inês&Nós (ANDRADE *et al.*, 2019). Nele, tanto o heroísmo feminino quanto a morte e outras violências explícitas e veladas na história de Inês e também presentes nas histórias de Inês recontadas pelos leitores com recursos tecnológicos gamificados de produção de textos multimodais, são elementos catalizadores de novos dizeres do mito, tão poderosos que os movem, literalmente, no Brasil e em Portugal, para novos dizeres e novos atos relacionados com outros desafios sociais que transcendem aqueles da história de Inês e Pedro, tais como a fome, a pobreza, o preconceito de gênero, a degradação ambiental etc., os quais representam mortes, não somente de pessoas, mas também do planeta, das instituições e de valores sociais. O jogo sério em realidade alternada Inês&Nós está formando uma comunidade leitora *ativa* de obras

literárias que tematizam a história do amor de Pedro e Inês de Castro, integrada por discentes e docentes da educação básica em Portugal e no Brasil, e promovendo interações criativas do público leitor infanto-juvenil com o mito inesiano nos dois países. Além disso, em médio prazo, a interlocução cultural efetiva e proficiente nestes dois espaços da lusofonia e entre eles, contribuirá para a prevenção precoce da violência de gênero, mediante a sensibilização e a conscientização de crianças e adolescentes desde a idade escolar em relação à equidade de gênero e os direitos humanos, em particular os direitos das mulheres.

Por fim, conclui-se que há muitas formas de amar, e nelas é possível ver a essência do amor de Pedro por Inês, que o leva da tumba à retumbância, isto é, sua capacidade remanescente e resiliente de transformar o amor, numa perspectiva ao mesmo tempo épica e contemporânea do mito, no passado, no presente e no futuro, em que ele transcende a dimensão da paixão romântica entre duas pessoas para as múltiplas dimensões em que este cria oportunidades de melhoria e de eternização de relacionamento com os outros, com as instituições e com a natureza.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Valéria. Era uma vez Inês: o/s mito/s desnudo/s na dramaturgia portuguesa de autoria feminina. **Revista Triplov de Artes, Religiões e Ciências**. Número 10: Nova Série, 2011. Disponível em: http://novaserie.revista.triplov.com/numero_10/valeria-andrade/index.html. Acesso em: 02 ago. 2019.
- ANDRADE, Valéria. Era uma vez Inês: o/s mito/s desnudo/s na dramaturgia portuguesa de autoria feminina. *In*: MACIEL, Diógenes André

- Vieira (org.). **Pesquisa em dramaturgia**: exercícios de análise. Ideia: João Pessoa, 2010. p. 153-173.
- ANDRADE, Valéria; BARROS Marcelo; VIEIRA, Fátima; SOUSA, Rafael; ALMEIDA, Leandro. **Ines&Us** - Endless Love Alternate Reality Game to Build Utopic New Worlds. Proceedings of the CSEDU 2019 - 11^a International Conference on Computer Supported Education. 2019.
- ANDRADE, Valéria. **Inês&Nós**: Ler e Dizer o Amor de Pedro e Inês no Século XXI em Salas de Aulas de Portugal e do Brasil. Projeto de Pós-Doutorado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Portugal, 2018.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? *In*: AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 55-73.
- BESSA-LUÍS, Agustina. **Adivinhas de Pedro e Inês**. Reimp. Lisboa: Guimarães, 1986.
- BRITO, Terezinha Maria. **A (re)invenção de Inês de Castro no imaginário nordestino**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- CAMÕES, L. de. **Os Lusíadas**. Série bom livro – Poesia. Apresentação, seleção e notas Carlos Felipe Moisés. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2003.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. Org. Betty Sue Flowers. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

- GIL, A. Pedro. **Os grandes julgamentos da história**: o processo de D. Inês de Castro. Lisboa: Otto Pierre, 1975.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Brasil, 2009.
- JITRIK, Noé. Estudios culturales/estudios literarios. *In*: PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana Lourenço (Org.). **Literatura e Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000. p.29-41.
- KAFKA, Franz. **Letters to Friends, Family and Editors**, Schocken. March 18, 1990.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. University of Toronto Press. Tradução de António Marques Bessa: Edições 70, Lisboa, Portugal, 1978.
- LIMA, Jorge de. **Invenção de Orfeu**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1981.
- MIELIETINSKY, Eleazar. M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- MURDOCK, MAUREEN. **A jornada da heroína**: a busca da mulher para se reconectar com o feminino. Prefácio de Sandra Trabucco Valenzuela. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.
- OSAKABE, Haquira. A pátria de Inês de Castro. *In*: IANNONE, Carlos A; GOBI, Márcia V. Z; JUNQUEIRA, Renata S. (Orgs). **Sobre as Naus da Iniciação**: estudos portugueses de Literatura e História. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p.105-117.
- ROCHA, Everardo. **O que é mito**. 7. ed. Editora Brasiliense, 1996. Coleção Primeiros Passos. V. 151
- SCHAFF, Adam. **História e verdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TOLEDO, Maria Emilia M. de. Razões de Estado x Razões de Amor na tragédia *Castro*, de Antônio Ferreira. In: MEGIANI, Ana Paula Torres; SAMPAIO, Jorge Pereira de (Orgs.). São Paulo: Alameda, 2008. p.117-138.